

O texto livre em crianças do 2.º ano de escolaridade: A enunciação e a predicação (*)

LÚCIA AMANTE (**)

1. INTRODUÇÃO

Propomos-nos neste trabalho analisar as características dos textos livres (técnica de expressão livre inerente à Pedagogia Freinet) de um grupo de crianças do 2.º ano de escolaridade, a partir das perspectivas das Teorias de Enunciação, perspectivas essas que têm renovado profundamente a psicolinguística tradicional não só porque têm gerado contributos importantíssimos ao nível da pesquisa fundamental (cf. por exemplo Bronckart, 1985) como também pela produtividade e utilidade que têm revelado para a análise de certas práticas pedagógicas; neste último domínio destacamos os trabalhos de Pierre Clanché (1982; 1988) que constituem em grande parte o ponto de partida do estudo que aqui apresentamos.

2. A ENUNCIÇÃO E A PREDICAÇÃO

2.1. A enunciação

A Enunciação parece constituir a área da teoria linguística textual que mantém relações mais estreitas com as questões coloca-

das na área da psicologia geral e da psicologia genética.

Podemos dizer que a Enunciação constitui o acto através do qual um texto é enunciado, mas este acto nunca é neutro já que implica necessariamente a existência de um dado sujeito (enunciador) que ponha em acção o discurso e sem o qual não há linguagem possível. A Enunciação é assim, como refere Benveniste (1974) a língua posta em funcionamento através de um acto individual da sua utilização, e como tal dotado de subjectividade e de particularidades.

O objecto de análise da Teoria da Enunciação, confunde-se pois com o próprio acto de mobilização da linguagem pelo sujeito enunciador, pois será a relação deste com a língua que determina as características linguísticas da Enunciação: «É a posição desta participação do sujeito na fala que constitui a Enunciação enquanto polaridade psíquica de um processo linguístico.» (P. Clanché, 1982, pág. 199).

Trata-se pois de saber como funciona a Enunciação (questão linguística) e de saber como é que o sujeito se constitui como sujeito da Enunciação (questão psicogenética). Os indicadores enunciativos a considerar serão não só as marcas objectivas presentes no texto, como a análise das relações

(*) Agradeço à Escola n.º 6 da Voz do Operário a permissão para a realização deste trabalho e muito particularmente à professora Margarida Faria.

(**) Assistente no ISPA

entre essas marcas de superfície, por um lado, e por outro com as variáveis extra-linguísticas ligadas à situação de comunicação.

Na construção de uma grelha de leitura que permita ter em conta a diversidade da produção escrita das crianças (texto livre), Clanché toma por base o paradigma da oposição DISCURSO/HISTÓRIA formulado por Benveniste, segundo o qual um texto é de um ou de outro tipo consoante as marcas textuais que apresenta (no DISCURSO: 1.^a e 2.^a pessoa e predominância do presente do indicativo; na HISTÓRIA: 3.^a pessoa e pretérito perfeito). Contudo, a este paradigma Clanché junta alterações formuladas por J. Simonin-Grumbach (1975) que propõe não apenas constatar a existência ou ausência de dadas marcas como indicadores do DISCURSO ou da HISTÓRIA, mas determinar para que instância reenviam essas marcas — para a situação de Enunciação (instância extra-linguística) ou para o próprio texto.

Foi pois com base nestes postulados que Clanché construiu uma grelha de análise textual da Enunciação, que retomámos adaptando-a às particularidades da nossa língua.

2.2. A predicação

Por predicação textual pode entender-se numa primeira abordagem a natureza temática do texto; mais especificamente ela refere-se àquilo de que se ocupa o sujeito principal do Enunciado. Se à primeira vista esta análise pode parecer desprovida de interesse, posto que muitas vezes ela nos reenvia para o universo do banal, num segundo momento ela torna-se deveras interessante, sobretudo se nos detivermos na sua evolução genética e na sua relação com o estilo enunciativo.

3. METODOLOGIA

3.1. Sujeitos

O nosso Estudo tomou por base uma população composta por 22 sujeitos, 13 do sexo masculino e 9 do sexo feminino que frequentaram no ano lectivo de 1986/1987 o 2.^o ano da 1.^a fase da Escola n.^o 6 da Voz do Operário, em Lisboa. Trata-se de uma instituição educativa ligada ao Movimento da Escola Moderna e em que se aplica a pedagogia de Freinet.

3.2. Material de estudo

O material de estudo consistiu num total de 672 textos livres, originais, distribuídos por 22 séries; cada série correspondendo ao conjunto de textos produzidos por uma criança ao longo do período considerado, (Outubro de 1982 a Junho de 1987).

3.3. Procedimento

A recolha do *corpus* textual ocorreu no fim de Junho de 1987 (final do ano lectivo) e posteriormente à sua ordenação por sequência temporal de produção, detivemo-nos demoradamente na sua leitura e passámos em seguida à sua análise do ponto de vista Enunciativo a Predicativo utilizando para o efeito os instrumentos que a seguir apresentamos.

3.4. Instrumentos de análise I

Para a análise da Enunciação retomámos a grelha de análise textual construída por P. Clanché (1982) à qual introduzimos as alterações que se impuseram em função das particularidades da nossa língua e do nosso material de estudo. É essa grelha, (quadro 1) que passamos a explicitar.

QUADRO 1
Grelha de análise da enunciação

DISCURSO HISTÓRIA

Enunciação	Marcado face à situação de enunciação	Não marcado face à situação de enunciação
Enunciado		
Espaço do enunciado	Na minha casa... Em Lisboa... No jardim... Na rua...	Ausência de indicação de referência espacial, ou indicação espacial não relacionada com a enunciação: num castelo, numa casa...
Situação do Enunciado	Hoje Ontem Amanhã No Natal depois das férias N dia da semana N mês ou N dia do mês...	Ausência de indicação de referência situacional ou Um dia Era uma vez Discurso directo
Tempo do Enunciado	Presente Pretérito perfeito Futuro próximo Futuro	Imperfeito Pretérito Perfeito + Imperfeito
Sujeito do Enunciado	Eu Eu + Nós Pessoas marcadas face à enunciação pertencentes à área do enunciador: o meu pai, a minha mãe, o meu irmão, a Maria, o João...	Um(a) (pessoa, animal, objecto)

Podemos ver na vertical duas colunas que agrupam separadamente os indicadores enunciativos, consoante reenviam ou não o enunciado para a situação de Enunciação tratando-se no primeiro caso dos textos DISCURSO e no segundo de textos HISTÓRIA.

Na horizontal, encontram-se agrupados estes mesmos indicadores consoante os valores extra-linguísticos que apontam, nomeadamente: ESPAÇO, SITUAÇÃO, TEMPOS e SUJEITOS do Enunciado. No quadro inserimos exemplos das marcas consideradas em cada uma destas categorias e que reenviam ou para textos do tipo DISCURSO ou para textos do tipo HISTÓRIA.

No que se refere ao ESPAÇO, podemos ver que os índices que remetem para o DIS-

CURSO são referências a um espaço concreto, ao passo que os que indicam características da HISTÓRIA se referem a um espaço imaginário indefinido. No que respeita à SITUAÇÃO DO ENUNCIADO vemos que as marcas de situação temporal são também bastante distintas e refletem as diferenças já referidas.

Se a marca HOJE ou ONTEM reenvia automaticamente para textos muito ligados ao discurso oral, textos cujo valor comunicativo é momentâneo, o mesmo não se passa com as marcas ERA UMA VEZ ou UM DIA que remetem inequivocamente para o universo do conto, onde a existência do tempo é puramente textual, não estabelecendo quaisquer laços com a situação de enunciação.

Quanto aos TEMPOS, seguimos tal como P. Clanché a perspectiva sugerida pelos estudos de H. Weinrich (1973), que considera na língua francesa dois conjuntos de tempos verbais: Tempos do Discurso (comentativos) e Tempos da História (narrativos). Aqui contudo introduzimos algumas alterações em função dos dados evidenciados pelo nosso próprio material de estudo, já que a dicotomia estabelecida por H. Weinrich não se adapta totalmente à nossa língua.

Ao nível das MARCAS DE SUJEITO, joga-se a questão central da enunciação, ou seja a das relações que se estabelecem entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Os sujeitos enquanto marcas gramaticais não são aqui muito relevantes, o que interessa é essencialmente a área em que se inscrevem, ou melhor para que reenviam: para uma área interna à do sujeito enunciador (caraterística do DISCURSO) ou para uma área exterior a esse mesmo sujeito (característica da HISTÓRIA). Podemos ver na grelha exemplos elucidativos desta distinção. Parece claro que EU, NÓS ou O MEU PAI, são marcas de sujeito que reenviam claramente para a área do sujeito enunciador, enquanto que isso já não se passa se a marca fôr UM SENHOR ou UMA MENINA pois

mais uma vez temos uma referência não definida, que nos remete de novo para o mundo do imaginário.

Foi pois este instrumento, a que aqui muito sumariamente fizemos referência, que utilizámos na análise enunciativa do nosso *corpus* textual. De salientar que as marcas de ESPAÇO, SITUAÇÃO, TEMPO e SUJEITO foram anotadas apenas uma vez por texto e que a marca de tempo considerada era a que predominava no enunciado. De notar ainda que um texto não apresenta necessariamente todas as suas marcas numa ou noutra coluna (totalidade de marcas de DISCURSO ou de HISTÓRIA), embora isso aconteça, como veremos, na grande maioria dos casos. Por outro lado, as marcas SITUAÇÃO e ESPAÇO não surgem obrigatoriamente em todos os textos, apenas as marcas de TEMPO e SUJEITO estão sempre presentes.

3.5. Instrumentos de análise II

No que se refere à análise de predicação textual, começámos por separar as duas grandes categorias de textos considerados ao nível da enunciação: Textos DISCURSO / textos HISTÓRIA. Dentro desta grande separação, e em função do nosso material de estudo, criámos várias categorias e sub-categorias predicativas. No final obtivemos um conjunto que à primeira vista nos surge como exaustivo, mas tendo em conta que um dos nossos objectivos é saber o que escrevem ou sobre o que escrevem as crianças desta idade e deste nível escolar, parece-nos preferível sermos exaustivos, a correremos o risco da perda de informação que a síntese por vezes acarreta.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A Enunciação

Da análise realizada a este nível, destaca-se em primeiro lugar a percentagem muito

mais elevada de textos DISCURSO em ambos os sexos, mas predominantemente no sexo masculino. Podemos, contudo, constatar que ao longo do ano lectivo os textos DISCURSO tendem a diminuir significativamente a sua frequência em proveito dos textos HISTÓRIA. Essa tendência, regista-se em ambos os sexos sendo contudo mais acentuada no sexo feminino (gráfico 1 e 2). Os primeiros textos são pois essencialmente do tipo DISCURSO, reenviando para a experiência social quotidiana e só mais tarde as crianças começam a escrever textos de maior densidade afectiva, como o são muitos dos textos HISTÓRIA em que se projectam frequentemente.

Podemos também constatar (quadro 2 e 3) que os textos que apresentam características

GRÁFICO 1

EVOLUÇÃO DOS TEXTOS DISCURSO E DOS TEXTOS HISTÓRIA — SEXO MASCULINO

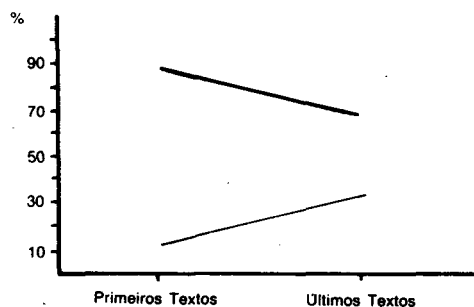
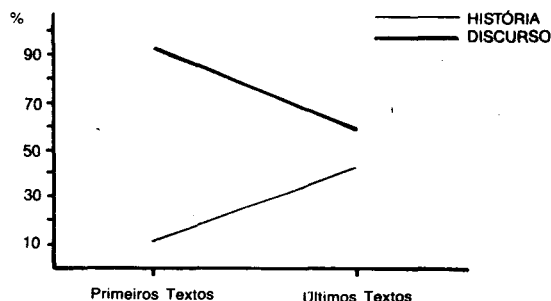


GRÁFICO 2

EVOLUÇÃO DOS TEXTOS DISCURSO E DOS TEXTOS HISTÓRIA — SEXO FEMININO



mistas (textos que sendo predominantemente DISCURSO apresentam marcas de HISTÓRIA e vice-versa) são em número muito reduzido. Da análise das percentagens dos vários Indicadores Enunciativos podemos ver que no DISCURSO a percentagem de textos que apresentam marcas de ESPAÇO é ligeiramente inferior à dos textos não marcados a esse nível, verificando-se esta tendência de forma mais acentuada nos textos HISTÓRIA, o que nos leva a supôr que nestes últimos as marcas espaciais parecem desempenhar um papel menos relevante do que nos textos DISCURSO.

Relativamente à SITUAÇÃO DO ENUNCIADO é de realçar o facto curioso de ao nível deste indicador nenhum texto HISTÓRIA evidenciar marcas características do DISCURSO, nem o contrário. Este aspecto parece pois revelar que os índices situacionais, quando presentes, marcam indiscutivelmente um dado estilo enunciativo, essencialmente nos textos HISTÓRIA onde a percentagem destes indicadores é bastante elevada e muito superior à de ESPAÇO.

Quanto aos tempos do Enunciado, verifica-se que em 32% dos textos HISTÓRIA surgem tempos característicos do DISCURSO, questão esta que se relaciona com o facto de o discurso directo ser muitas vezes utilizado nestes textos e conseqüentemente surgir o Presente do Indicativo que é uma marca típica do DISCURSO.

QUADRO 2:
Textos Discurso

Marcas	Textos com	Textos com	Textos	Totais
Indicadores Enunciativos	Marcas de Discurso	Marcas de História	não Marcados	
Espaço	206 42,4%	16 3,4%	263 54,2%	485 100%
Situação	225 46,4%	0 0%	260 53,6%	485 100%
Tempos	475 97,9%	10 2,1%	—	485 100%
Sujeitos	478 98,6%	7 1,4%	—	485 100%

Ao nível das marcas de sujeito, como os quadros mostram, em cada um dos tipos de texto predominam as marcas particulares do Estilo Enunciativo que os caracteriza.

QUADRO 3
Textos História

Marcas	Textos com	Textos com	Textos	Totais
Indicadores Enunciativos	Marcas de História	Marcas de Discurso	não Marcados	
Espaço	28 15%	2 1%	157 84%	187 100%
Situação	160 85,6%	0 0%	27 14,4%	187 100%
Tempos	181 96,8%	6 32%	—	187 100%
Sujeitos	478 97,9%	4 2,1%	—	187 100%

No plano da análise qualitativa das marcas enunciativas referidas sobressaiem alguns aspectos que resumidamente tentaremos abordar.

Dentro das marcas consideradas no indicador SITUAÇÃO DO ENUNCIADO é de realçar o facto de nos textos HISTÓRIA a marca ERA UMA VEZ ser a mais frequentemente utilizada, surgindo pois como a marca enunciativa que a criança privilegia para nos introduzir no mundo do conto e do imaginário. Esta constatação não nos surpreende já que a maioria das histórias que a criança lê ou ouve contar são iniciadas desta forma, logo certamente a utilização de ERA UMA VEZ... reflecte essa influência cultural.

De notar ainda que no sexo feminino a utilização do discurso directo, como marca de situação do enunciado é muito mais frequente, o que nos sugere uma maior elaboração dos enunciados por parte das raparigas, já que a utilização do discurso directo implica a capacidade de actualização de um determinado episódio. O Enunciador introduz a personagem mas não a subordina a si (como acontece no discurso indirecto)

torna-a viva e real para o leitor. Vejamos dois exemplos destes textos:

«Era uma vez uma nuvem que todos os dias brincava com o caracol e um dia o caracol não apareceu, a nuvem começou a ficar preocupada e foi a casa do caracol. Pois o caracol estava a dormir porque no outro dia ficou acordado até às dez da noite. A nuvem chamou o vento e o vento soprou com força e o caracol acordou, olhou para as horas e disse: Deixem-me dormir.»

Susana

«Era uma vez uma rosa que se chamava Rosa Bela e um dia apareceu um cravo e disse à rosa. Ó Rosa lindíssima diz-me lá o teu nome. Cravo queres saber o meu nome? Quero sim disse o cravo ou não podes dizer? E ela disse assim: o meu nome é Rosa Bela. O cravo disse: que belo nome! Obrigadinho disse a rosa.»

Isabel

Ao lermos um e outro texto, sentimos que no segundo presenciamos de uma forma mais intensa a cena narrada, o que se relaciona quanto a nós com a predominância do emprego do discurso directo neste último, que lhe confere uma maior expressividade.

Quanto aos tempos do enunciado vimos que no DISCURSO para ambos os sexos, se destaca a utilização do presente e sobretudo do pretérito perfeito. Este é sem dúvida o tempo do discurso do quotidiano, aquele que permite à criança realizar a retrospecção de acontecimentos próximos; é um passado visto do presente como refere B. Lavandera (1985), um passado que possui um valor quase exclusivamente denotativo:

«Eu fui ver a Rosa Mota a correr ao pé da torre de Belém e a Aurora Cunha é que ganhou a corrida.»

Inês

O futuro próximo (forma verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* mais o infinito de um verbo principal), também frequentemente utilizado, surge quase sempre para nos indicar a realização de uma qualquer acção, temporalmente próxima ou anunciar um dado acontecimento. Geralmente parece traduzir uma certa expectativa por parte do sujeito principal do enunciado, que muitas vezes coincide com o sujeito enunciador:

«O meu primo dia 12 de Fevereiro faz anos e eu vou à festa de anos. Ele vai fazer 7 anos e eu se calhar vou gostar muito.»

Rita

Nos textos HISTÓRIA o tempo verbal privilegiado é sem dúvida o pretérito imperfeito, cuja utilização nos reenvia para um passado sem limites. «É um passado visto do passado» (B. Lavandera, 1985), em que a acção é construída num ponto do tempo que é impossível determinar. A acção desenrola-se por si mesma, como se independente do enunciador. Basta encontrarmos no início de um texto uma marca verbal no imperfeito para não nos espantarmos com o conteúdo mais inverosímil que se possa seguir, ao passo que se ela não existir, em lugar de nos sentirmos no universo da fantasia, da ficção ou da aventura, sentimo-nos antes num universo lúdico em que a criança joga com os sujeitos e predicados a seu belo prazer. Vejamos dois textos que pensamos ilustrarem claramente o que acabámos de referir:

«As cartas perdem-se das cartas e andam sempre trocadas e o terno anda sempre a conversar com o duque e a manilha anda a conversar com o ás e o valete andar a conversar com o rei.»

Isabel

«As contas eram malucas e vaidosas e queriam arranjar um namorado, eram contas de menos de mais de vezes e dividir. Queriam casar umas com as outras.»

Isabel

Ambos os textos têm como vimos um conteúdo inverosímil, mas enquanto no primeiro a criança apresenta um facto irreal como se real fosse (porque utiliza o presente) e nos introduz assim num universo lúdico, no segundo texto temos a sensação de que o conteúdo do enunciado não pretende à partida ser apresentado como real pois os acontecimentos situam-se num tempo puramente textual, reenviando-nos para o imaginário e para a fantasia.

Relativamente ao Indicador SUJEITOS DO ENUNCIADO é de referir que no discurso as marcas preferencialmente utilizadas são: EU e EU + (membro da família ou amigo), esta última mais frequente nos textos das raparigas, onde surge também com alguma frequência a marca NÓS. Este facto pode sugerir à primeira vista um nível de socialização mais avançado por parte dos sujeitos do sexo feminino todavia pensamos não ter dados suficientes para o afirmar.

Nos textos HISTÓRIA, entre as marcas de SUJEITO consideradas (pessoas, animais, plantas e objectos), a marca de SUJEITO PESSOA é a que indiscutivelmente se destaca do conjunto, o que nos parece relacionar-se com o facto de a criança frequentemente se identificar com os heróis que cria nos seus textos. Este aspecto é sobretudo evidente quando o SUJEITO PESSOA escolhido é uma MENINA ou UM MENINO, que tal como p. ex. UM SENHOR são sujeitos exteriores à área do enunciador, que possuem o mesmo valor ao nível lexical, mas que do ponto de vista psicológico são bem diferentes. Vejamos o seguinte texto:

«Era uma vez uma menina que se chamava Ana Rita que é uma menina sábia e bonita. A mãe chamava-a para fazer os trabalhos e a Ana Rita disse está bem.»

Rita

As diferenças entre sexos a este nível não parecem ser muito expressivas, destacando-

-se todavia o facto de as raparigas utilizarem mais sujeitos PLANTAS (flores) do que os rapazes, facto naturalmente determinado por razões culturais.

4.2. A Predicação

Como anteriormente já referimos, na análise da Predicação considerámos em separado os textos DISCURSO dos textos HISTÓRIA uma vez que a natureza das temáticas respectivas era bastante diferenciada.

Assim nos textos discurso surge uma grande categoria que designámos DISCURSO DO QUOTIDIANO que se ramifica em várias sub-categorias. Torna-se difícil expôr aqui em breves linhas a caracterização de cada uma delas, todavia podemos adiantar que todos os textos aí incluídos se relacionam de uma forma ou de outra com acontecimentos do quotidiano. Podemos ver no quadro 4 a distribuição das percentagens de textos registadas em cada uma destas sub-categorias e embora não exploremos aqui a análise desse quadro, nem as diferenças reveladas pela comparação dos resultados dos dois sexos, não queremos deixar de sublinhar

QUADRO 4

Categorias Temáticas do Discurso do Quotidiano

	TEMAS	NO. Textos	%'s
A	Brincar/jogar/passear/ver	129	27,2
B	Festas/visitas	59	12,4
C	Férias	16	3,4
D	Receber prendas	76	16
E	Dar prendas	13	2,7
F	Ter/possuir	42	8,8
G	Escola	23	4,9
H	Ir ao médico	5	1,1
I	Cair dentes	3	0,6
J	Viagens da família	13	2,7
K	Desejos	11	2,3
L	Acidentes	14	2,9
M	Expressão de sentimentos	16	3,4
N	Compras	12	2,5
O	Gravidez/nascimento	12	2,5
P	Recompensa/punição	5	1,1
Q	Outros	26	5,5
	TOTAL	475	100

que o que se nos afigura mais importante é o facto de estes dados mostrarem como o texto livre permite às crianças estabelecerem a ligação entre a sua vida do dia-a-dia e a Escola.

Ao nível da Predicação nos textos HISTÓRIA destacam-se três grandes grupos: FORMAS DE PREDICAÇÃO ELEMENTARES (características dos primeiros textos livres das crianças) OUTRAS FORMAS DE PREDICAÇÃO (conteúdo temático variado, que reenvia frequentemente para o maravilhoso, o mágico e o fantástico) e ainda e com papel de relevo PREDICAÇÃO AGON E PHILIA (*) que nos remetem para duas distintas formas de representação da interacção social: AGON, remete-nos basicamente para o envolvimento do sujeito principal do enunciado numa situação de conflito, enquanto PHILIA designa os textos em que esse sujeito se encontra numa situação de relação amigável com alguém ou alguma coisa, procura ou perde essa situação.

Observando o quadro 6 podemos ver que o grupo que engloba as categorias referentes a FORMAS DE PREDICAÇÃO ELEMENTARES apresenta a percentagem de textos mais baixa, o que seria de esperar já que as temáticas aqui incluídas parecem ser características do 1.º ano de escolaridade, nível a partir do qual decrescem acentuadamente (P. Clanché 1982).

Por outro lado a Predicação AGON e PHILIA surge como o grupo privilegiado da Predicação na HISTÓRIA. Como atrás referimos estes textos referem-se à representação das relações sociais (de conflito — AGON, amigáveis — PHILIA) como o exemplificam os textos seguintes:

«Era uma vez um pirata que se chamava Daniel. Ele morava num barco de madeira na areia. Um dia ele viu um barco inimigo, foi chamar os outros piratas, houve uma grande guerra, morreram muitos, só ficou o pirata Daniel.»

Daniel

(*) Termos que retomámos de P. Clanché (1982).

«Era uma vez um patinho que não tinha pais e um certo dia entrou uma patinha muito gira. Ele disse-lhe tu podias ser minha mãe e ela disse: Está bem e ficaram contentes.»

Susana

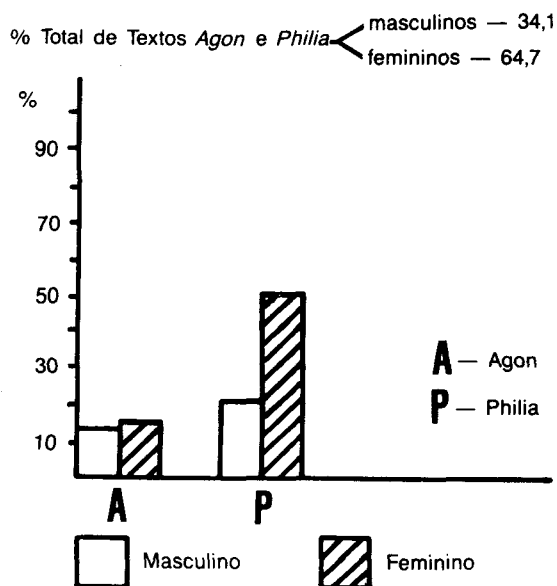
QUADRO 6

GRUPOS DE PREDICAÇÃO	TEXTOS HISTÓRIA	%'S
Formas Pred. Elementares	34	18,1
Outras Formas Predicação	59	31,6
Predicação Agon e Philia	94	50,3
TOTAIS	187	100

Analisando o gráfico 3 podemos ver que na produção total deste tipo de textos as raparigas detêm percentagens muito mais elevadas que os rapazes, essencialmente ao nível dos textos PHILIA. Todavia ao nível da Predicação AGON, contrariamente ao que esperávamos, não se registaram entre sexos diferenças assinaláveis, embora quali-

GRÁFICO 3

PREDICAÇÃO AGON E PHILIA
COMPARAÇÃO ENTRE SEXOS



tativamente os textos denotem algumas particularidades específicas, nomeadamente o facto de os textos AGON das raparigas apresentarem mais frequentemente conflitos resolvidos positivamente do que os dos rapazes.

5. CONCLUSÕES

Limitar-nos-emos aqui a enunciar algumas considerações finais que o estudo que realizámos nos sugere, apesar das suas inúmeras limitações.

Em primeiro lugar, pensamos que este trabalho evidenciou que de facto o texto livre permite à criança apropriar-se da escrita e das suas particularidades. Por outro lado vimos que as crianças têm tipos de enunciação que lhe são próprios e quando escrevem um texto do género DISCURSO ou HISTÓRIA podem privilegiar este ou aquele indicador enunciativo, não tendo necessariamente que se referir a todos eles (nomeadamente aos do ESPAÇO e SITUAÇÃO DO ENUNCIADO). Este facto não tem obrigatoriamente a ver com a incapacidade da criança em situar ou ordenar temporalmente os acontecimentos, mas apenas com aquilo que ela considera ou não importante referir. Frequentemente alguns professores vêem como pouco elaborados, ou pouco estruturados, os textos em que as crianças referem um dado acontecimento sem o situar no espaço e/ou no tempo, todavia isto apenas nos indica que aquilo que a criança quis contar, não tem a seu ver, relações relevantes com essas referências.

Relativamente à predicação, pensamos que o texto livre permite à criança comunicar, brincar, aprender, inventar, exteriorizar a sua visão do mundo, os seus interesses e preocupações. Neste sentido esta técnica não pode deixar de desempenhar um importante papel no desenvolvimento infantil e oferece, por outro lado, um campo privilegiado às pesquisas nesse âmbito, já que representa a

livre e espontânea expressão da criança. De referir ainda que muitos dos textos a que chamámos DISCURSO DO QUOTIDIANO e que podemos considerar como banais, desempenham um papel fundamental a vários níveis; por um lado a criança fala de acontecimentos do dia-a-dia que para si têm relevância o que motiva a sua aprendizagem da escrita já que quer escrever bem para que os outros possam entender o que quer dizer; por outro lado estes textos estabelecem a verdadeira ponte entre a escola, a família e a comunidade, indispensável para que a criança não sinta a escola desligada dos seus interesses e vivências.

Pensamos que, muito do que temos vindo a dizer, não constitui certamente grande novidade para todos aqueles que conhecem e lidam de perto com as técnicas da Pedagogia Freinet e com o texto livre em particular, contudo pensamos que neste estudo exploratório foram postas em evidência algumas questões que consideramos deveras interessantes e que esperamos possam suscitar futuras reflexões e pesquisas neste âmbito.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, E. (1974). *Problèmes de Linguistique Générale*, 2, Paris: Editorial Gallimard.
- BRONCKART, J. P. et al (1985) — *Le fonctionnement des Discours; un modèle psychologique et une méthode d'analyse*, Neuchatel — Paris: Delachaux et Niestlé, Col. Actualités Pédagogiques et Psychologiques.
- CLANCHÉ, P. (1982). *L'Evolution du Texte Libre à l'École Elementaire, Contribution à une génétique de la textualité*. Vol. I/II Thèse présentée devant l'Université de Bordeaux II pour l'obtention du grade de Docteur es lettres.
- CLANCHÉ, P. (1988). *L'Enfant Écrivain*, Paris: Editions du Centurion.
- SIMONIN-GRUMBACH, J. (1975). Pour une typologie du discours, *Langue, Discours, Société*, Paris: Seuil.
- LAVANDERA, B. R. (1985). *Curso de Linguística para el Analisis del Discurso*, Bibliotecas Universitarias, Buenos Aires: Centro Editor da América Latina, Buenos Aires.
- WEINRICH, H. (1973). *Le temps*, Paris: Seuil.

RESUMO

Neste trabalho pretendeu-se estudar as características dos textos livres produzidos ao longo de um ano lectivo por um grupo de crianças do 2º Ano de Escolaridade. Esta análise centrou-se em dois aspectos: A Enunciação (estudo das relações que se estabelecem entre o enunciador e o enunciado por ele produzido) e a Predicação (estudo do tipo de acções desenvolvidas no enunciado pelo sujeito principal).

Na Enunciação os resultados obtidos mostraram que as crianças desta idade (7/8 anos) e deste nível escolar escrevem essencialmente textos do tipo DISCURSO embora ao longo do ano lectivo se verifique

uma tendência acentuada para o aumento da produção de textos tipo HISTÓRIA. Viu-se ainda que as crianças denotam preferência por determinados indicadores enunciativos consoante o tipo de texto que produzem.

Quanto á Predicação, nos textos DISCURSO, surgiu-nos uma grande categoria a que chamámos DISCURSO DO QUOTIDIANO já que os textos nele inseridos reenviavam para acontecimentos do dia a dia da criança. Nos textos HISTÓRIA, o destaque vai para o grupo predicativo AGON e PHILIA que nos reenvia para textos que traduzem uma relação social de conflito (AGON) ou amigável (PHILIA). A este nível são particularmente notórias as diferenças quantitativas e qualitativas registadas entre sexos.